



Comunidades na pós-modernidade: uma reflexão sobre a ótica da comunicação comunitária¹

Antônio CARVALHAL²

Celer Faculdades, Xaxim, SC.

RESUMO

O presente artigo busca fazer uma breve exposição dos conceitos de sociabilidade, bem como levantar as principais transformações nela ocorridas dando maior ênfase ao conceito de comunidade, principal foco do artigo. Para isso foi utilizado o autor considerado o pai da sociologia moderna, Ferdinand Tönnies, como base para o início da discussão, passando por autores contemporâneos como Bauman, que narra as principais mudanças no capitalismo e seus reflexos na sociedade, Barry Wellman, e Stephen Berkowitz com suas ideias sobre rede social, Michel Maffesoli introduzindo a idéia do neotribalismo contemporâneo, e por fim, autores como Maria Souza, que contextualiza a realidade social brasileira, e, por fim, Nestor Garcia Canclini e Stuart Hall falando sobre a importância da comunicação como ferramenta identitária na pós-modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sociabilidade, pós-modernidade, comunidade, comunicação comunitária.

Introdução

A modernização se dá a partir da racionalização da vida social humana no século XVII. Este processo abriu portas para a industrialização e a modernização global que integrou a economia capitalista com o Estado, expandindo a administração científica do trabalho, da produção, do desenvolvimento industrial e principalmente do tecnológico (LEMOS, 2002:65). O sociólogo Zygmunt Bauman (2001) descreve as transformações ocorridas na sociedade moderna, bem como as relações sociais e os ambientes de sociabilidade numa realidade globalizada. Ele trata do assunto denominando essas mudanças como “modernidade líquida” que, em suma, desfaz todas as bases sólidas da sociedade e desconstrói conceitos sociais. Para o autor:

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaços e Cidadania do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Professor do Curso de Jornalismo da Celer Faculdades. Mestre em Comunicação Social pela PUC-RS na linha de Práticas Profissionais e Processos Sociopolíticos nas Mídias e na Comunicação das Organizações.



A modernidade substitui a determinação heterônoma da posição social pela autodeterminação compulsiva e obrigatória. Isso vale para a ‘individualização’ por toda a era moderna – para todos os períodos e todos os setores da sociedade (BAUMAN, 2001:41).

Lemos reafirma a fala de Bauman somando a ideia de que na modernidade também houve uma sinergia entre a racionalidade e a emancipação, ocasionando uma administração da vida de maneira racional, e tendo em mente que o homem é um ser auto-suficiente e capaz de se auto-gerir na sociedade. Assim, a modernidade faz com que cada pessoa entre num processo constante de individualização, o que acaba interferindo nas relações comunitárias. Essa auto-suficiência decorre numa negação da posição heterônoma do indivíduo na sociedade, porque na modernidade “deve-se depreciar todas as tradições, gerando uma transformação da vida social” (LE MOS, 2002:65).

Antes de aprofundar a questão das mudanças nas relações societárias na pós-modernidade, faz-se necessário um melhor entendimento sobre um dos conceitos clássicos sobre sociedade. Para isso será utilizada a ideia de Ferdinand Tönnies (1887), considerado pai da sociologia moderna.

1. Comunidade e Sociedade

Em 1887, o sociólogo alemão Ferdinand Tönnies, publica sua tese intitulada *Gemeinschaft und Gesellschaft*³ (1887). Sua obra foi um marco na história dos estudos sociológicos devido ao novo enfoque que o autor dá ao objeto de estudo da sociologia. Anteriormente, os sociólogos pesquisavam as relações entre a sociedade moderna e a pré-moderna. Tönnies demarca os estudos sociológicos com a dicotomia entre Comunidade e Sociedade, dicotomia que foi aceita como uma das primeiras e talvez a mais útil para designar o cerne dos estudos sociológicos (TÖTTÖ 1988). Assim, Werner Cahnman e Rudolf Heberle, estudiosos da obra do autor, afirmaram que “a partir dessas duas pequenas palavras, seria possível construir o edifício da conceitualização sociológica, mesmo que outras peças se perdessem”⁴. Reforçando essa afirmação, Töttö fala da importância da teoria de Tönnies e ressalta que “de fato, a dicotomia contém o

³ Comunidade e Sociedade.

⁴ Apud Töttö 1995:42



núcleo da sociologia, a ideia básica dessa disciplina como um todo” (TÖTTÖ1995:42), por essa razão Tönnies é considerado o pai da sociologia moderna.

1.1 Comunidade

A partir da visão sobre como a sociedade era constituída, Tönnies desenvolve um entendimento em relação à comunidade como um organismo vivo e natural, e a sociedade como um agregado mecânico e artificial. Para ele, a comunidade é uma aldeia, um lugar familiar onde às pessoas dirigem suas atividades para a coletividade⁵. Essas relações são de origem *Wesenwille*⁶, que são caracterizadas como vontades naturais, mentais, vegetais, habituais e de memória.

Na comunidade os homens são unidos e vivem uns com os outros baseados nas relações pessoais naturais, ou seja, a comunidade é um ambiente natural de interação, e as relações também se dão de maneira natural. Pode-se dizer então que, naturalmente, o homem possui uma intuição inata de viver em comunidade, sendo considerado então um ser gregário⁷.

Tönnies comunga da noção aristotélica do homem como animal gregário, de modo que as ações oriundas das vontades e suas forças, quando no sentido de conservação (e podem sê-lo em outro, no de destruição) formariam uma união. Esta, quando dirigida predominantemente pela vontade natural seria então caracterizada como comunidade (*gemeinschaft*). (BRANCALEONE, 2000, *online*).

A partir de diversas indagações sobre como o homem se desenvolve enquanto ser social, Tönnies começa a desenvolver sua ideia através da determinação da unidade completa das vontades humanas em seu estado primitivo e natural e segundo as relações dos indivíduos diferentemente condicionados, defendendo que a origem comum entre tais relações de vida é o aspecto biológico (nascimento), e através disso estão vinculadas. Muitas das características relacionais dos membros de uma comunidade se dão de forma heterônoma. As pessoas da comunidade também absorvem componentes da singularidade do local em que estão inseridas. Nessas comunidades as pessoas

⁵ O autor, por ser erradicado de uma comunidade rural, caracteriza a comunidade baseando-se nas relações sociais vivenciadas no meio rural, mas não toma somente ela como exemplo.

⁶ Ela é vista como a vontade equivalente ao psicológico humano, sendo então à vontade do homem em seu estado “bruto”, animal, e se manifesta através das vontades orgânicas como a nutrição, a auto-preservação e a reprodução. Portanto, ela está em todas as atividades em que o ator seja um organismo humano e individual, no sentido psíquico constituinte de tal individualidade.

⁷ Concebida pelo filósofo Aristóteles, a ideia de que o homem é um ser gregário, ou seja, vive naturalmente em bando, foi adotada pelo autor.



acabam não fazendo distinção entre o “eu” e o “outro”, elas apenas enxergam o “mesmo”, tanto nas relações sociais quanto na absorção do local.

1.2 Sociedade

Na sociedade as relações são mecânicas, artificiais, objetivas, e tendem à diferença entre seus membros, enquanto que na comunidade as relações são naturais, orgânicas, e as pessoas possuem sentimento de preservação e identificação com ela. O berço das relações societárias foi às trocas e o desenvolvimento histórico capitalista, por isso, não existe nela um sentimento de pertença, de reciprocidade, apenas há uma relação de interesses individuais, regidos pela *Kürwille*⁸. Ao contrário da comunidade, Tönnies diz que a sociedade é uma união de fragmentos mantidos próximos pela persistência comunitária – o que reitera a ideia do homem como animal gregário e mostra a união entre biologia e razão humana. Na sociedade não há um sentimento de pertença, sendo as relações então dadas de maneira individual ou por interesses de quem esse está associado (Miranda, 1995:65). Com isso, cada indivíduo está por si isolado e em um estado de tensão pelos outros. Nela não existem espaços de solidariedade, já que as relações são tipicamente de interesses pessoais e particulares, e não de interesses comuns e coletivos. Nela, nenhuma das ações é voltada para o coletivo, pelo contrário, a sociedade é o espaço em que os homens se relacionam de modo com que suas especificidades e vontades sobressaiam diante do próximo, ou seja, nela não existem relacionamentos de reciprocidade, mas sim, cada um busca seus interesses privados, desprezando o público. Como disse o autor “Nenhuma ação, portanto, realizada pelo indivíduo expressa a vontade e o espírito da unidade, e, assim, ele a realiza para si próprio ou para aqueles com os quais se encontra associado” (TÖNNIES, 1995:252).

Assim, a sociedade toma forma de acordo com a evolução das relações comerciais, nascidas através do capitalismo, que levava o pequeno camponês a se dirigir até os centros mais movimentados, ou seja, a urbe, para vender sua produção e trocar por bens de consumo. Com isso, há uma quebra do núcleo da sociabilidade comunitária, que forma um novo tipo de ambiente, a sociedade. Assim, a vitalidade da sociedade se mostra nas metrópoles, no Estado, no país, enfim, no mundo, abordando uma gama gigantesca e plural de pessoas oriundas do meio rural. Nela as relações sociais são

⁸ Para o autor a *Kürwille* seria a forma de vontade isolada, autônoma, de reflexão, raciocínio, no desejar, conceber. Assim, sua ideia central é de “o pensamento que contém a vontade”.



mecânicas, artificiais, por isto, a sociedade adquire características frias, isoladas, e de certa forma, perigosas, devido à sua inospitalidade e a falta de sentimento de pertença de todas as pessoas. Apesar de observar que as pessoas convivem juntas, Tönnies caracteriza a sociedade como:

(...) um grupo humano que vive e habita lado a lado de modo pacífico, como na comunidade, mas, ao contrário desta, seus componentes não estão ligados organicamente, mas organicamente separados (TÖNNIES, 1995:252).

Pode-se dizer a partir disso, que as relações sociais na sociedade são de cunho mercantil, de troca, de cálculo, onde se visa o maior proveito possível com relação aos outros, e é aqui nesta troca onde há a migração da *Wesenwille* para a *Kürwille*. Assim, as relações na sociedade não são mais baseadas na naturalidade, mas sim na razão abstrata⁹, e se manifesta através da troca de valores, valores esses que fazem parte do imaginário da sociedade. O dinheiro, então, torna-se parte fundamental nas relações sociais, e funciona como o fluxo que move a sociedade e as relações entre os indivíduos possibilitando o domínio do homem sobre o homem através das relações de trabalho. Ao contrário da comunidade, onde o trabalho busca o comum, a partilha, a equanimidade de forças, na sociedade ele toma um caráter divisório, separador.

O indivíduo em sociedade não possui um referencial de agir, ou seja, ele é único em meio a uma multidão e age de acordo com seus interesses, tendo então uma moral autônoma. Isso não significa que ele não obedeça nenhum tipo de regra, ao contrário, ele é regido pela jurisdição cabido à sociedade em que se está inserido, porém, o pacto tácito que é encontrado na comunidade, não se encontra na sociedade. Desta forma, o homem na comunidade é uma pluralidade na unidade, e na sociedade ele é uma unidade na pluralidade. Mas essa unicidade acaba isolando o indivíduo e suas especificidades, e, no sentimento de “liberdade” e de ter o direito de ser “diferente”, busca-se a sua individualidade também nos seus costumes, na sua educação, na sua identidade. Então, ao contrário da comunidade, não há uma homogeneidade de reação de acordo com a situação. E, como a sociedade possui uma identidade abstrata¹⁰ ela tende a se expandir cada vez mais, atingindo um pluralismo que gera um abismo entre

⁹ A razão abstrata é, de um ponto de vista específico, uma razão científica, cujo sujeito é o homem que reconhece as relações objetivas, quer dizer, o homem que se pensa por conceitos.

¹⁰ Para Marx a identidade abstrata é parte do sujeito abstrato, que este se entende por agente histórico social que recoloca o particular como sujeito social.



os indivíduos que cada vez individualizados, reiteram o direito de serem diferentes (MIRANDA, 1995:65)

Na sociedade, as relações se dão por interesses pessoais, de qualquer espécie (financeira, afetiva, política), e sempre visam o maior proveito do indivíduo em relação ao outro com que se relaciona. Assim, a ideia principal é a do maior proveito, onde a naturalidade das relações dá-se de modo com que se tire o maior proveito possível do próximo. Mas isso não é uma ideia como aspecto simplesmente negativo, mas sim se dá através das vontades humanas e suas interpretações e juízo de valor. Porém, os valores dos objetos se dão de maneira subjetiva, já que o mesmo objeto, que não possui valor algum para um indivíduo, pode ser de extrema importância para outro. Com isso, o bem comum não existe de fato, só pode existir de modo imaginário, e se cristaliza temporariamente sobre a égide da vontade entre se desfazer de um objeto que não lhe servira mais e de adquirir um novo bem a que lhe será de utilidade. E é exatamente durante esse período de troca que as mercadorias tornam-se um bem comum, um valor social. Por isso é importante compreender que em cada ato de doação e de recepção está contida uma vontade social.

2. Globalização e sociabilidade

Essas mudanças societárias acabaram ocorrendo em decorrência das transformações ocorridas no capitalismo, e tem seu marco inicial na revolução industrial. Porém, outras mudanças ocorreram desde o conceito lançado por Tönnies, e a principal delas é a fase pós-industrial, ou, sendo mais específico: a globalização.

Para falar especificamente do capitalismo globalizado recorremos a Bauman, que o divide em duas partes: *Capitalismo pesado* e *capitalismo leve*. Para o autor, o *capitalismo pesado* tinha como ícone as grandes fábricas e as relações de trabalho limitadas entre o burguês proletário e o assalariado operário. Sua grandeza econômica era relacionada também por sua grandeza física, territorial, onde as indústrias ocupavam grandes espaços com suas fábricas imponentes que “aprisionavam” seus funcionários, então, não existia mobilidade nem nas relações de trabalho, nem no capital, pelo contrário, o capitalismo estava tão preso ao solo quanto seus trabalhadores (Bauman, 2001:67-70). Esse período da modernidade capitalista não separava a produção do capital. Como disse Bauman:



Nesse estágio de sua história conjunta, capital, administração e trabalho, estavam, para o bem e para o mal, condenados a ficar juntos por muito tempo, talvez para sempre – amarrados pela combinação de fábricas enormes, maquinaria pesada e força de trabalho maciça. (BAUMAN, 2001:69)

No período moderno as relações de trabalho eram sólidas, visíveis, e a sociedade era claramente dividida por classes assim como suas relações sociais, onde operários e patrões viviam separados tanto dentro como fora da empresa, já que suas diferenças eram reais e sólidas também fora do trabalho. Era comum também um trabalhador passar sua vida inteira em uma mesma indústria, sem ter a perspectiva de crescimento profissional ou a possibilidade de com o passar do tempo, mudar de emprego. Por sua vez, cabia apenas ao patrão a preocupação com a saúde da empresa e isso dava certo conforto aos seus empregados, já que a vida da empresa em que se trabalhava era estável, auto-suficiente e não corria o risco de que as situações de outras empresas interferissem no destino da sua (BAUMAN, 2001:69), já que no princípio das relações capitalistas as “amarras” econômicas não eram globais como hoje.

Já hoje, no mundo globalizado, o *Capitalismo leve* é ágil e não se prende a um lugar específico, o que repercutiu novamente nas relações sociais e nas relações de trabalho. Nessa fase do capitalismo se faz o traslado do capital “apenas com a bagagem de mão, que inclui nada mais que pasta, telefone celular e um computador portátil” (BAUMAN, 2001:70). Nela o tempo das relações comerciais não são predeterminados, e duram somente o tempo necessário para se concretizar um negócio. Já o trabalho continua imóvel, mas sua localização não é mais tão fixa quanto na modernidade, podendo variar de acordo com a necessidade do capital. Em suma, pode-se dizer que a principal característica do *Capitalismo leve* é a fluidez e leveza com que ele funciona, e de que ninguém é insubstituível. Nele não existe lugar no mercado de trabalho que esteja ocupado a ponto de não ser disponibilizado a outros candidatos. Assim, o objetivo do capitalismo leve é pura e simplesmente o grande acúmulo de capital. Nele ninguém é dono do espaço de trabalho, somente “se está sendo”. Essa insegurança pessoal gera uma disputa entre todos, que por sua vez faz com que seja um dos principais motivos da individualização crescente na sociedade moderna, onde não há mais espaço para o cooperativismo, só há espaço para a competição, uma “selva de pedra” onde há uma guerra permanente de vontades e necessidades (BAUMAN, 2001: 72-75).



Partindo dessa mudança nas relações comerciais, cria-se uma dicotomia entre a segurança da comunidade e a liberdade do mundo globalizado. Para o autor, os fatores que criam o ambiente dos estudos sobre comunidade no mundo globalizado giram em torno de ideias como individualismo, liberdade, cosmopolitismo, segurança, comunidade estética entre outros, porém o que envolve seu pensamento é a ideia conflitante entre obrigações comunitárias e as liberdades individuais já que num mundo competitivo, como o de hoje, as pessoas não estão dispostas a abrir mão de uma coisa em detrimento de outra, elas apenas querem ganhar. Seguindo esse pensamento, Bauman diz que:

Há um preço a pagar pelo privilégio de ‘viver em comunidade’. O preço é pago em forma de liberdade, também chamada ‘autonomia’, ‘direito à auto-afirmação’ e à ‘identidade’. Qualquer que seja a escolha, ganha-se alguma coisa e perde-se outra. Não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade. (BAUMAN, 2001:10)

Essa ideia do autor é baseada em sua concepção de comunidade, onde para ele se possui uma “obrigação fraterna de partilhar as vantagens entre seus membros, independente do talento ou importância deles”, indivíduos egoístas, que percebem o mundo pela ótica do mérito (os cosmopolitas), não teriam nada a “ganhar com a bem-tecida rede de obrigações comunitárias, e muito que perder se forem capturados por ela” (BAUMAN, 2001:59). Como é possível notar, a vida individual está envolta em riscos, e querer viver em liberdade deve significar viver sem segurança. Já na comunidade, o lugar da segurança, remete-nos ao sentido mais tradicional de sociabilidade que conhecemos, em que os laços por proximidade local, parentesco, solidariedade de vizinhanças, seriam a base dos relacionamentos consistentes. Bauman não nega que hoje não exista nenhum tipo de comunidade, ele apenas se opõe às concepções clássicas e aponta uma nova ideia de motivação comunitária. Para ele:

Pode-se dizer que a ‘comunidade’ do evangelho comunitário [...] não é mais a *Gemeinschaft* pré-estabelecida e seguramente fundada da teoria social (e formulada como ‘lei da história’ por Ferdinand Tönnies), mas um criptônio para ‘identidade’, zelosamente buscada, mas nunca encontrada. (BAUMAN, 2001:196)

Bauman então acredita que a “comunidade clássica” se dissolve na pós-modernidade, dando lugar a individualização compulsiva das pessoas impulsionada pela globalização e pelas relações pontuais na sociedade. Ele não nega a existência de



comunidades, mas se prende a um conceito muito romântico de comunidade e não explica com clareza como seriam essas novas relações comunitárias que existem na contemporaneidade.

3. Novo olhar sobre a modernidade

Também dedicaram estudos à comunidade os sociólogos Barry Wellman, e Stephen Berkowitz (2005). Eles dizem que, na sociologia, até os anos 60 se compartilhava a crença de que as comunidades desapareceram das grandes cidades. Muitos dos estudiosos sobre o assunto passaram muito tempo tentando explicar o motivo do ocorrido centrando-se nas transformações ocorridas com a revolução industrial na sociedade. Assim, eles chegaram a uma ideia de que com a revolução industrial os laços comunitários teriam se rompido criando novas patologias sociais, como a perda de identidade. Opondo-se a essa ideia, Wellman e Berkowitz analisam esses estudos denominando as análises de “síndrome pastoral”, que compara nostalgicamente as comunidades contemporâneas com os velhos e bons tempos (Costa, 2005, *online*). Por essa síndrome, dizia-se que a homogeneidade das cidades contemporâneas alimentava laços superficiais, transitórios, especializados e desconectados das vizinhanças. Isso enfraquecia os laços familiares, de solidariedade, restando somente os laços transitórios e incertos, e isso causava um grande risco para os indivíduos, porque desconectados dos laços fortes eles estariam sem nenhum suporte de ajuda, dizendo até que em decorrência disso “os indivíduos solitários sofrerão mais seriamente de doenças devido à ausência de suporte social de amigos e parentes (Costa, 2005, *online*).

Contrários a esse “romantismo comunitário”, Wellman e Berkowitz partem do princípio que estamos associados em rede por meio de comunidades pessoais (Costa, 2005, *online*) e questionam se realmente a individualização romperia com os laços comunitários na sociedade, ou se na contemporaneidade o que há é uma transformação nas relações societárias. Os autores mostram estudos onde comprovaram que ao mesmo tempo em que as relações societárias contemporâneas não estavam tão mortas como se pensava, as comunidades pré-industriais também não eram tão solidárias como se pressupunha (Costa, 2005, *online*). Contextualizando esses estudos os autores chegaram a conclusão de que no mundo contemporâneo, há :



(...) necessidade de uma *mudança* no modo como se compreende o conceito de comunidade: novas formas de comunidade surgiram, o que tornou mais complexa nossa relação com as antigas formas. De fato, se focarmos diretamente os laços sociais e sistemas informais de troca de recursos, ao invés de focarmos as pessoas vivendo em vizinhanças e pequenas cidades, teremos uma imagem das relações interpessoais bem diferente daquela com a qual nos habituamos. Isso nos remete a uma transmutação do conceito de “comunidade” em “rede social” (Costa, 2005, *online*).

Essa rede social seria a personalização dos contatos sociais que ao contrário das relações comunitárias não se dão de modo previamente estimulado, como a proximidade geográfica ou o parentesco, por exemplo. Ela se daria pela escolha direta de objetivos e interesses de cada pessoa. Para uma melhor compreensão dessa ideia, Wellman aponta o ciberespaço como o local de grande mudança de sociabilidade do mundo pós-moderno. É nele que as interações sociais se aperfeiçoam com a ideia de “redes sociais individuais”, ao invés de relações comunitárias.

4. O neotribalismo como forma social contemporânea

Maffesoli (2006) aponta vários indícios sobre o declínio do individualismo na sociedade e diz que o que hoje dá lugar a uma comunidade do conceito clássico, como o de Tönnies, não são mais os relacionamentos diretos e de grupos organicamente constituídos e unidos, mas sim grupos ligados às mesmas vontades e que possuem uma mesma identificação. Como Bauman, Maffesoli também descarta a *Gemeinschaft*¹¹ com tipo ideal de comunidade da modernidade, e começa formar a ideia de que o que existe hoje, na pós-modernidade, são proximidades por identificação. Bauman diz que a *identidade é o criptônio de comunidade* (BAUMAN, 2001:196), porém, Maffesoli vai além dessa análise e denomina esses novos tipos de reagrupamento social por identificação de *neotribalismo*. Maffesoli explica que:

De minha parte, ao contrário daqueles que continuam analisando nossas sociedades em termos de individualismo e de desencantamento, já mostrei que o que parece estar na ordem do dia remete antes a uma espécie de tribalismo, que tem por vertente um verdadeiro reencantamento do mundo (MAFFESOLI, 2006. 145).

¹¹ Não possui tradução literal para o português, mas, em suma, significa *comunidade*.



Bauman crê que a individualização nos faz ficar ensimesmados em nossas ideias. Maffesoli discorda de que cada ideia dos indivíduos seja tão específica a ponto de não concordar com nenhuma outra. Como ele diz “o que nos parece ser uma opinião individual é, de fato, a opinião de tal ou tal grupo ao qual pertencemos” (MAFFESOLI, 2006:132). Disso, ele extrai a ideia de que estamos nos reagrupando através da identificação e nos acomodando em *neotribos*, que desaceleram e rompem com o individualismo da modernidade líquida de Bauman.

O autor entende essas neotribos como um agrupamento social pela identificação com os milhares de tribos que existem na sociedade, ou seja, como pessoas que se identificam não com algum grupo funcional, mas sim, com algum gosto, algum costume, e disso que surgem as tribos punks, as tribos do look retrô, as tribos dos retrô (MAFFESOLI, 2006:131-133). Mas apesar dessas neotribos poderem ser consideradas como um reagrupamento social com algumas características comunitárias, na pós-modernidade elas possuem características bem específicas, e essas características são típicas das relações capitalistas, durando somente o tempo que seus interlocutores acham necessário. Para o autor *o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão* (MAFFESOLI, 2006:132). Então, embora não sejam permanentes, de interações fortes e contínuas, essas comunidades se recriam de modo a acompanhar a velocidade da pós-modernidade.

Para exemplificar as características da sociabilidade neotribal, Maffesoli explica que a principal diferença é baseada em dois pontos: as características do social, da modernidade, e as características da socialidade, da pós-modernidade. Para ele, elas se distinguem em dois aspectos:

Característica do social: o indivíduo podia ter uma função na sociedade, e funcionar no âmbito de um partido, de uma associação, de um grupo estável.

Características de socialidade: a pessoa (persona) representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos que participa. Mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amiciais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi* (MAFFESOLI, 2006:133).

Por essas características de socialidade que as neotribos tomam forma na contemporaneidade. Essas formações se dão através de reagrupamentos especificamente formados pela identificação com algum tema, seja ele de qualquer gênero. Assim, a necessidade de afirmação recíproca existente em comunidades com características sociais não fazem mais sentido na contemporaneidade, e o não entendimento disso é que



gera a ideia de individualização dos membros na sociedade. Para explicar melhor esse reagrupamento através de vontades, e não mais de organicidade, Maffesoli fala da *sociedade eletiva*. A sociedade seria composta por processos de atração-repulsão que se fazem por escolhas pessoais, que independem de qualquer fator externo, como a proximidade geográfica, por exemplo. Nela, o que deve ser realmente levado em consideração é a “realiança” social, sem julgar os fatores que a desencadearam. Por isso, Maffesoli fala da necessidade de se compreender isso sobre a ótica da sua *sociologia formista*, onde é necessário se ter um pensamento que constata as formas, as configurações existentes, sem querer julgá-las (MAFFESOLI,2006:121).

Mas, apesar de concordarmos com a ideia de que essas novas comunidades se criem a partir da livre escolha de seus participantes, ainda existem as comunidades por proximidade geográfica – e são estas que excluem a ideia de rede social proposta por Wellman e Berkowitz, já que eles apontam o ciberespaço, assim como Maffesoli, como lugar fecundo para esse novo tipo de sociabilidade – e são elas que interessam para a comunicação comunitária. Por isso, após ter sido feita uma breve exposição das mudanças da sociabilidade humana, bem como os motivos pelos quais ela veio ocorrer, passamos agora a contextualizar essas ideias dentro da discussão sobre a comunicação comunitária com o intuito de aclarar algumas lacunas sobre o tema. A principal delas é fazer uma breve leitura do conceito de comunidade dentro da realidade brasileira.

5. Comunidades brasileiras

Um fato que se torna imprescindível é fazer um esforço para captar os aspectos que distinguem e caracterizam os diferentes tipos de comunidades hoje no país. E para isso, devemos pensar pelo lado que mais divide a nossa sociedade hoje, no caso, o capital. Sendo assim, não podemos desconsiderar a enorme desigualdade entre classes sociais causada, principalmente, pela globalização. Portanto, cabe aqui reconhecer que quando se fala de comunidade no Brasil, quase sempre nos remetemos a espaços de moradia das populações pobres, que em sua origem tinham espaço encontrado no meio rural, mas que hoje são encontrados nas regiões periféricas do espaço urbano. (SOUZA, 2004). Um dos principais motivos pelo qual as pessoas formam essas comunidades é a identificação que elas encontram em suas realidades, ou seja, de maneira simples, poderíamos dizer que o que faz com que elas se reúnam não é um motivo ideológico, mas sim uma característica em comum, que no caso é a pobreza e a exclusão social. E



isto faz com que os problemas, as dificuldades e as vontades que eles tenham, sejam praticamente as mesmas. Como disse Maria Souza:

“(…) uma comunidade se desenvolve não só à proporção que se desenvolve a capacidade criadora do homem para superar as barreiras da natureza, mas, sobretudo, à medida que tal capacidade criadora é colocada a serviço da superação das barreiras sociais que impedem diversos segmentos da população de participarem na definição dos objetivos sociais, de controlar a operacionalização destes objetivos e de usufruir dos benefícios do progresso social” (2004: 23)

Mas, embora essas pessoas vivam em uma mesma comunidade e compartilhem da mesma realidade social, a exclusão, elas nem sempre conseguem se mobilizar e buscar juntas soluções para mudar de situação e reivindicar o que lhes é de direito, ou seja, apesar de estarem em uma comunidade e geograficamente próximos, os moradores nem sempre possuem um sentimento de pertença, de preservação pela localidade em que vivem. Isso confirma, em parte, a fala de Bauman quanto ao individualismo, porém, ainda assim existem diversas neotribos dentro dessas comunidades, como o grupo dos católicos, dos umbandistas, da associação de moradores, do time de futebol do bairro, enfim, diversas tribos se misturam por interesse apesar de estarem fisicamente ligados. Porém, a soma de todas as partes é menor que o todo, e sendo assim, não podemos caracterizar uma comunidade pelas suas neotribos, mas tentar entender o que seria então a marca que cada pessoa da comunidade carrega em comum, ou seja, o que os identifica como moradores de tal ou tal comunidade.

De modo simples, o que poderia ser dito é que a comunicação tem um papel importantíssimo na sociabilidade contemporânea, como disse Canclini:

“A clássica definição *socioespacial* de identidade, referida a um território particular, precisa ser complementada com uma definição *sociocomunicacional*. Tal reformulação teórica deveria significar, no nível das políticas “identitárias” (ou culturais), que estas, além de se ocuparem do patrimônio histórico, desenvolvam estratégias a respeito dos cenários informacionais e comunicacionais onde também se configuram e renovam as identidades” (Canclini, 1999, p.59-60)

Portanto, devemos notar que os conceitos vistos anteriormente no trabalho não são excludentes, mas sim, complementares. Ainda há comunidades Tönniesianas, principalmente no meio rural, ocorre também a individualização de Bauman, mas principalmente existe o neotribalismo de Maffesoli. A necessidade de uma nova interpretação das comunidades feita por Wellman e Berkowitz está correta, mas não se



resume apenas a um novo entendimento social em cima de redes sociais, pois as ideias expostas pelos dois autores se apoiam nas novas tecnologias da informação. Deve-se levar em consideração também as relações por proximidade geográfica, que embora esteja mais atrelada à terra do que as vontades humanas, existem antes das internet e das redes sociais, e continuará existindo por toda eternidade. Por isso que a comunicação comunitária possui um papel importantíssimo na contemporaneidade, porque é através da comunicação que se entende o mundo, mas seu papel na sociedade vai muito além do que é designado a ela. Para reforçar essa ideia, utilizo-me das palavras de Stuart Hall, onde diz que:

“[a comunicação] está inevitavelmente ligada ao sucesso, à eficácia ou à ineficácia, das teorias da formação social como um todo, porque é neste contexto que deve ser teorizado o lugar da comunicação no mundo social moderno [...] a comunicação moderna não pode ser conceituada como externa ao campo das estruturas e práticas sociais porque [a comunicação] é, cada vez mais, internamente constitutiva delas. Hoje, as instituições e relações comunicativas definem e constroem o social; elas ajudam a construir o político; elas medeiam às relações econômicas produtivas; elas se tornaram ‘uma força material’ nos modernos sistemas industriais; elas definem a própria tecnologia; [e] elas dominam o cultural” (1989: 43)

Assim sendo, podemos dizer que o processo da comunicação comunitária torna-se hoje não somente necessária para a realidade brasileira sobre o aspecto das reivindicações feitas pela população excluída, mas principalmente acaba tendo um papel sócio-histórico formador de uma identidade social. Podemos ver o papel da comunicação na contemporaneidade, já que apesar de existirem vários conceitos e interpretações sobre a sociedade todas elas passam e se difundem através da comunicação social.

Considerações finais

Durante o presente artigo foram levantadas questões sobre a sociabilidade humana e as suas transformações no decorrer da história. Para isso foram expostos diversos conceitos de diversos autores, porém, muitos são totalmente discordantes, e nota-se também que não devemos apenas contextualizar os conceitos na contemporaneidade, mas principalmente, contextualizá-los com a realidade brasileira.



Por isso, antes de entrar em uma discussão sobre comunicação comunitária foi preferido aclarar essas características comunitárias contemporâneas, com o intuito de melhor entender a complexidade de um projeto de comunicação comunitária dentro de uma proposta e da necessidade de se fazer uma outra comunicação que não a convencional e social. Cremos que antes de entender o que é uma comunicação comunitária, devemos nos perguntar o que é e pode ser considerada uma comunidade brasileira, sem confundi-la com comunicação organizacional ou com qualquer outro tipo de processo jornalístico que se diga comunitário. Com isso, pretendemos apenas contribuir para a discussão sobre as relações complementares entre a sociabilidade humana e a comunicação, que neste caso, é a comunitária.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2001.
- BRANCALEONE, Cássio. *Comunidade, Sociedade e Sociabilidade: Revisitando Ferdinand Tönnies*. 2000. Disponível em < <http://www.iuperj.br/publicacoes/forum/csoares.pdf>> Acesso em 28/07/2007
- CANCLINI, Nestór Garcia. *Consumidores e cidadãos – Conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 1999.
- COSTA, Rogério. *Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva*. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n17/v9n17a03.pdf>> Acesso em 09/01/2009.
- LEMONS, André. *Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Editora Sulina. Porto Alegre, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*. Forense Universitária. São Paulo, 2006.
- MERLO, Valério. *Rumo à Origem da Sociologia Rural: Votade Humana e Estrutura Social no Pensamento de Ferdinand Tönnies*. In MIRANDA, Orlando de. *Para ler Ferdinand Tönnies*. Edusp. São Paulo, 1995.
- MIRANDA, Orlando de. *Para ler Ferdinand Tönnies*. Edusp. São Paulo, 1995.
- TÖTTÖ, Pertti, *Ferdinand Tönnies, um Racionalista Romântico*. In MIRANDA, Orlando de. *Para ler Ferdinand Tönnies*. Edusp. São Paulo, 1995.
- WELLMAN, Barry; GULIA, Milena. *Comunidades Virtuais Como Comunidades: Os surfistas da rede não viajam sozinhos*. 2003. Disponível em <<http://members.fortunecity.com/cibercultura/vol6/comucomo.html>> Acesso em 05/01/2009
- SOUZA, Maria Luiza de. *Desenvolvimento de comunidade e participação*. São Paulo: Editora Cortez, 2004.